

# Para além do uso em perguntas (não) retóricas, né? Discursivização da partícula né? nas narrativas de mulheres do município de Itaberaba, BA<sup>1</sup>

PALAVRAS-CHAVE:

Funcionalismo • Discursivização • Oralidade • Partícula né?

Thiago Alves de Santana

**RESUMO:** Esta pesquisa, desenvolvida sob a perspectiva teórica da Linguística Funcionalista, que considera o estudo de mudança linguística a partir de situações reais de uso da língua, investiga as funções exercidas pela partícula *né?* nas ocorrências de um *corpus* constituído por narrativas de duas informantes da cidade de Itaberaba, na Bahia. O objetivo principal é descrever as funções semânticas manifestadas pela partícula em estudo nas entrevistas, analisando, dentre outras coisas, se este item tem sido usado com seu sentido original de pergunta não retórica. Partindo da premissa de que o uso da partícula *né?*, na oralidade mais espontânea, apresenta variações de forma e função e considerando os princípios teóricos da discursivização, tais como os aspectos pragmáticos e interativos, verifica-se que o *né?* é usado em pergunta não retórica e pergunta retórica; e como marcador discursivo e preenchedor de pausa.

---

A primeira versão deste texto foi apresentada como trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação lato sensu em Estudos Linguísticos e Filológicos, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus XIII. 2019.

## 1. INTRODUÇÃO

A motivação para o trabalho com discursivização surgiu após novamente acessar o corpus composto por doze entrevistas produzidas em 2012, com o objetivo de compor o acervo documental utilizado na produção do trabalho monográfico (SANTANA, 2013), do curso de Licenciatura em História, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XIII*. As entrevistas foram elaboradas com o intuito de, através dos relatos pessoais sobre vivências do passado, registrar a trajetória do candomblezeiro Domício Barreto (o Chá) entre Cachoeira e Itaberaba - BA.

Após a leitura das narrativas sob a perspectiva da Linguística Funcional, percebeu-se um constante uso da partícula *né?*. Assim, algumas perguntas foram surgindo: (a) quais funções semânticas são exercidas pela partícula *né??* (b) esse item tem sido usado com seu sentido original de pergunta não retórica? (c) as funções exercidas pelo *né?*, nas narrativas orais que compõe o *corpus*, apresentam características diferentes das já registradas pelos teóricos Martelotta e Alcântara (1996), por meio dos princípios da discursivização?

O empenho em responder essas questões a partir da produção discursiva de duas informantes que foram selecionadas da amostra – dentre as cinco entrevistas já transcritas na íntegra em Santana (2013) – deve-se ao fato dessas apresentarem maior número de ocorrências do *né?*. Levaram-se em consideração as acepções produzidas por esse item em diferentes contextos de fala, sob a perspectiva teórica da Linguística Funcional (CUNHA, 2008; CUNHA; TAVARES, 2016), mais especificamente, da discursivização (SILVA; SANTOS, 2015; VALLE, 2000).

A análise das funções desempenhadas pelas ocorrências marcadas pelo *né?* no corpus desta pesquisa fundamenta-se no estudo de Martelotta e Alcântara (1996), pois, nas entrevistas analisadas por esses autores, essa partícula sofre um processo de mudança linguística por discursivização, conforme apresentado na trajetória a seguir: *né?* em pergunta não retórica > *né?* em pergunta secundariamente orientada para a resposta do ouvinte > *né?* como marcador discursivo > *né?* como preenchedor de pausa.

O estudo citado contribuiu significativamente para a compreensão e divisão das funções desempenhadas pelo *né?* em contextos de fala, além de ter auxiliado na elaboração da hipótese de que essa partícula continua a produzir novas acepções na produção discursiva, como no caso do novo uso encontrado no *corpus* desta pesquisa, em que o *né?* é utilizado como marcador discursivo em expressões de confirmação da negação.

A análise dos dados possui também um viés quantitativo, uma vez que, além de mostrar as variações de formas e funções do *né?*, apresenta o número de ocorrências de cada função desempenhada por essa partícula no *corpus* estudado.

## 2. A ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Os estudos dos sistemas de signos e do funcionamento das línguas naturais podem ser fundamentados por variadas propostas teóricas e por correntes linguísticas distintas, tais como o Estruturalismo, o Gerativismo, o Funcionalismo e outras. Dentre tantas possibilidades, este estudo elege a análise linguística de base funcionalista, que observa a língua em sua composição viva e dinâmica, uma vez que está em constante uso em variadas circunstâncias comunicativas que podem, inclusive, designar distintos sentidos e funções gramaticais para um elemento linguístico. De acordo com Cunha (2008, p. 157), “o funcionalismo é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”.

A língua é um fenômeno sociocultural e necessita ser analisada em sua diversidade de usos por falantes de distintas categorias sociais. Os funcionalistas consideram a função desempenhada pelas unidades linguísticas dentro de uma frase, para além das estruturas normativas da gramática oficial; em outras palavras, a sentença será contextualizada, ao invés de estar sempre subjugada pela escala dicotômica entre o certo e o errado.

Acerca do surgimento do Funcionalismo na primeira metade do séc. XX, Mattos e Silva<sup>2</sup> (2008) destaca que os precursores dessa corrente foram os linguistas do Círculo Linguístico de Praga, principalmente R. Jakobson, ao publicar seus *Prinzipien* em Compenhague, no ano de 1931, e depois em apêndice aos *Principes de phonologie*, publicados pela Mouton nos *Selected Writings I* e em francês, com o título de *Principes de Phonologie historique*. Segundo a autora, Jakobson reelaborou a teoria das funções da linguagem de K. Buhler, no artigo “Linguística e Poética” traduzido para o português por I. Blikstein e J. P. Paes e publicado em 1970, baseando-se na teoria da comunicação que “considera” os participantes de um ato de fala, bem como todos os fatores e variedades de funções linguísticas. Mattos e Silva (2008) menciona, ainda, outras importantes contribuições para o Funcionalismo, a partir de linguistas como Marinet, Kiparsky, Halliday e Meillet, este último considerado o precursor do termo “gramaticalização”.

Palla (2015) destaca que, a partir da década de 1970, surgiram novos campos de pesquisa preocupados em analisar os estudos de língua falada para além do ponto de vista normativo, dentro de um contexto científico/descritivo, como foi o caso do Funcionalismo nos Estados Unidos, que tinha como aspecto peculiar a rejeição de alguns princípios que norteavam toda a linguística estrutural. A autora explica que o Funcionalismo

---

2. Em “Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível”, Rosa Virgínia Mattos e Silva (2008) apresenta a mudança linguística na perspectiva intralinguística e intrassistêmica, extralinguística ou sócio-histórica, com o objetivo de elucidar os fatores que corroboram tais processos.

Contemporâneo se empenha a descrever aspectos pragmáticos e semânticos dos fenômenos linguísticos presentes nas situações comunicativas dos falantes. A gramática é analisada em situações de uso.

O Funcionalismo se opõe aos reducionismos formais e funcionais, uma vez que evidencia os processos de mudanças decorrentes de práticas discursivas, os quais estão longe de obedecerem a uma lógica estática e acabada, descortinando, por assim dizer, outras propostas de gramaticalização. Sua natureza é a própria fluidez prática da língua natural, através da qual os usuários transmitem uma série de informações a respeito da sua identidade social, propriedades cognitivas e competências comunicativas, tais como: a modulação da voz e a forma com que as ideias são estruturadas e expressas por meio da fala. Todos são responsáveis pelas rupturas, permanências e transformações das estruturas linguísticas.

No que diz respeito aos funcionalistas brasileiros, Mattos e Silva (2008) sinaliza que poderia considerar Ataliba de Castilho o “pai do funcionalismo no Brasil” por ter publicado seu *Relatório* sobre gramaticalização, no número 19 da revista *Estudos Linguísticos e Literários*, da Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, no ano de 1997. Após dialogar com Hopper e Traugott, em publicação de 1993, Castilho pontua, nesse *Relatório* (1997), que o fenômeno da gramaticalização representa a evolução das unidades linguísticas, que perdem complexidade semântica, liberdade sintática e substância fonética. Ainda, segundo a autora:

O que une o funcionalismo de Jakobson aos funcionalismos contemporâneos (alemão, americano, inglês, francês, brasileiro) é, certamente, seu objeto teórico, ou seja, a(s) língua(s) em uso no seu contexto social e socio-interacional, ou seja, no processo comunicativo entre os falantes. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 71-72)

Apesar de a língua ser composta por um sistema de signos combinatórios em conformidade com leis do sistema linguístico, desempenha funções externas de adaptação e organização do falante relativas às diferentes situações comunicativas. Cada falante compõe processos comunicativos diferentes para se expressar, por essa razão é que a língua obedece mais à fluidez discursiva do que à rigidez normativa da gramática oficial; além do mais, cada comunidade possui seu jeito próprio de expressar-se; logo, tem seu próprio sistema léxico, surgido a partir do comportamento social estabelecido com o uso da língua materna.

Desse modo, no ato comunicativo, o usuário recorre a uma série de recursos e estratégias discursivas passíveis de renovar, em longo prazo, processos fonéticos, fonológicos, semânticos e sintáticos de elementos linguísticos do português padrão.

A constituição vocabular e gramatical é um processo contínuo e dinâmico, resultante da composição dos saberes e de experiências partilhadas no convívio social, em determinado período histórico.

## 2.1. GRAMATICALIZAÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO

Ao delinear um estudo a respeito dos caminhos percorridos pela língua e seus constantes processos de mudanças conduzidas pelos modos singulares e plurais de conceber a linguagem através da interação humana, recorre-se à corrente linguística comentada na seção anterior – a funcionalista. É ela que respalda os estudos sobre os processos conhecidos por gramaticalização e discursivização, os quais relacionam a estrutura gramatical aos diversos contextos comunicativos de uso da língua natural. Mas, afinal, o que são esses fenômenos e quando ocorrem? A distinção entre esses dois processos não é tão fácil, pois os limites são tênues; no entanto, Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 12) afirmam o seguinte:

Gramaticalização e discursivização constituem processos especiais de mudanças linguísticas. Gramaticalização leva itens lexicais e construções sintáticas a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou estratégias comunicativas. Discursivização leva o item assumir função de marcador discursivo, modalizando ou reorganizando a produção da fala, quando a sua linearidade é momentaneamente perdida, ou servindo para preencher o vazio causado por essa perda da linearidade.

A gramaticalização é, portanto, o processo de mudança linguística através do qual uma palavra ou expressão lexical passa a assumir, dadas as circunstâncias, o status de item gramatical; ou através do qual itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo, inclusive, mudar de categoria sintática devido às pressões do uso.

Já a discursivização é outro processo de mudança linguística, paralelo à gramaticalização, através do qual, mediante o processamento do discurso, o falante, geralmente mais despreocupado com as restrições da gramática oficial, expressa elementos linguísticos espontaneamente ou em caráter pragmático e interativo. Sobre os processos de gramaticalização de alguns marcadores discursivos, Silva e Santos (2015, p. 255-256) apresentam as ideias de Valle ao pontuar que “[...] mesmo que se amplie a concepção de gramática, é impossível incluir, nesse âmbito, o aspecto interativo que se instaura entre o falante e o ouvinte no momento de fala”. Esses marcadores passariam, então, pelo processo de discursivização. Concorda-se com Silva e Santos (2015) quando eles afirmam que:

[...] na perspectiva da discursivização, há um movimento de mudança que ocorre a partir da gramática em direção ao discurso; enquanto que, na gramaticalização, o movimento se dá de forma contrária: parte da dimensão discursiva para atuar no nível do texto, ou da gramática. (SILVA; SANTOS, 2015, p. 256)

Nem sempre é possível compreendermos as mudanças no uso da língua natural através da gramaticalização, pois a interação entre o falante e o ouvinte é composta também por elementos de valor pragmático, os quais podem atuar para além do texto (conexão, sequência, retomada, etc.), ou seja, no processamento cognitivo e na linguagem não verbal por meio de signos visuais e sensoriais como o riso, o choro, a entonação da fala e os gestos, aspectos comunicativos que são melhor perceptíveis através dos princípios da discursivização.

A gramaticalização não parece dar conta das mudanças que rumam ao nível pragmático-interativo e necessitamos, portanto, que os elementos sob o rótulo de marcadores sejam distribuídos em, pelo menos, dois sub grupos: um com funções textuais e outro com funções extra-textuais. O grupo dos marcadores textuais seria resultante do processo de gramaticalização, mas, por outro lado, para abarcar os elementos que exercem função extra-textuais, seria necessário contarmos com o processo de discursivização. (VALLE, 2000, p. 111)

Esses pressupostos de mudanças no uso da língua natural ocorrem devido ao surgimento de necessidades discursivas dos usuários da língua. Na medida em que as novas construções ou formas gramaticais são constantemente (re)produzidas através da escrita ou da oralidade, deixam de ser casuísticas dentro do discurso e são incorporadas na esfera léxico-gramatical.

Adota-se, portanto, nesta pesquisa, o conceito de discursivização apresentado por Martelotta e Alcântara (1996, p. 277): “Processo de mudança que leva determinados elementos linguísticos a serem usados para reorganizar o discurso, quando suas restrições de linearidade se perdem em função da improvisação típica da fala, ou para preencher o vazio comunicativo causado por essa perda”. Vale ressaltar que, concomitantemente, reconhece-se, como Silva e Santos (2015, p. 260), que “esses dois campos, gramaticalização e discursivização, precisam ser melhor fundamentados teórica e metodologicamente”, e como Valle (2000, p. 105), ao mencionar que “em alguns casos não é tranquilo delimitar se um determinado item passa por um ou por outro processo”.

Objetivando compreender os limites entre os conceitos de gramaticalização e discursivização, Valle (2000) infere que os recentes estudos que buscam revisar se determinados elementos linguísticos teriam, de fato, passado por um processo de discursivização contribuem para que a pertinência da existência de dois processos distintos seja também reavaliada, “[...] pois se mudanças rumo ao nível discursivo também pudessem ser explicadas pelo processo de gramaticalização, não haveria necessidade de se considerar processo de discursivização” (VALLE, 2000, p. 106).

## 2.2. A PARTÍCULA *NÉ?*

O tema deste trabalho é a discursivização da partícula *né?*. Trata-se de uma abreviação de “*não é?*”, própria da fala, e não da escrita, de pessoas com distintos graus de instrução. Embora seja possível utilizá-la na manifestação escrita nos contextos em que o propósito narrativo esteja inserido em uma conjuntura oral, e encontrá-la na escrita de pessoas em fases iniciais de alfabetização, por ainda não distinguirem que os recursos da fala não são os mesmos da escrita.

Neste trabalho, objetiva-se demonstrar que, com o passar do tempo, essa partícula vem apresentando diferentes acepções, para além do uso em perguntas (não) retóricas. Conforme apontam Silva e Santos (2015, p. 250), “a pergunta *retórica* (PR) é formulada para não ser respondida. O traço [+presença de resposta] é apagado em termos de condição linguística, porém o traço [+entonação ascendente] é mantido, isto é, continua sendo interrogativa na forma”.

Considerando esses pressupostos, Martelotta e Alcântara (1996) observaram o comportamento sintático e semântico-pragmático da partícula *né?*, através de vinte e quatro informantes do terceiro e do segundo graus, cujas entrevistas pertencem ao corpus do Projeto Integrado Discurso e Gramática. Os autores perceberam que:

A partícula *né?* apresenta duas características básicas dos elementos que estão em processo de discursivização. Por um lado, sofre redução fonética: é o resultado da trajetória *não é verdade?* > *não é?* > *né?*. Por outro lado, sofre desgaste semântico, passando a funcionar inicialmente como pergunta retórica (que não pede a resposta do ouvinte) e, em seguida, como preenchedor de pausa. (MARTELOTTA; ALC NTARA, 1996, p. 278)

No *corpus* utilizado para a pesquisa, os autores não encontraram ocorrências em que a referida partícula mantém seu sentido original como pergunta não retórica. O *né?* assumiu funções como: elemento modalizador (ex.: postura discursiva de hesitação e insegurança do falante); ligado a informações de fundo (ex.: perguntas retóricas marcando comentários do falante sobre o que se fala); marca de tópicos (ex.: presença do marcador *né* em sintagmas nominais que designam referentes já mencionados); preenchedor de pausas (ex.: uso mais abstrato – organização discursiva e improvisado da fala).

A pesquisa demonstra que, no corpus analisado, a partícula *né?* perdeu sua carga semântica, passando a desempenhar funções de caráter discursivo, sofrendo, então, “[...] um processo de mudança por discursivização, seguindo a trajetória: *né?* em pergunta não retórica > *né?* em pergunta secundariamente orientada para a resposta do ouvinte > *né?* como marcador discursivo > *né?* como preenchedor de pausa.” (MARTELOTTA; ALC NTARA, 1996, p. 278).



Palla (2015), influenciada pelo estudo anteriormente descrito, dialoga com Labov, da Sociolinguística Variacionista, além de basear-se nos estudos sobre Funcionalismo norte-americano e gramaticalização, objetivando, dentre outras coisas, uma análise quantitativa e qualitativa do marcador conversacional/discursivo *né?*. Assim, valendo-se da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Funcional, Palla (2015, p. 17) esclarece o seguinte, em seu trabalho:

O suporte teórico dessas duas correntes justifica-se por meio das mudanças linguísticas que podem ser verificadas em seu aspecto diacrônico e em variações de duas (ou mais) alternantes coexistentes (como no caso do MC *né?* em ocorrências com as formas *não é?* *num é?* *nu'é?* *nã?* *não?* *não é mesmo?* *não é isso?* *não é verdade?*) que podem ser analisadas sincronicamente na língua em uso, cujas fundamentações dependem não só de fatores contextuais, mas também de fatores sociais.

A autora aborda a referida partícula em contexto de uso por meio de dois *corpora*, um formado por vinte e cinco peças teatrais, que são textos mais próximos da língua falada, datados de 1842 a 1981, que ajudaram a descortinar as formas variantes mais antigas (*não é?*, *não é verdade?*, entre outras) do que veio a se tornar o *né?*. Constatou-se que, nos documentos escritos, há maior número de ocorrências da variável “*não é?*”, devido ao fato de ter sido utilizada por um período de tempo maior que as outras. A segunda mais constante é também a forma mais antiga encontrada “*não?*”, que caiu em desuso após o aparecimento da terceira variável mais presente o “*né?*”. Já as formas “*não é verdade?*”, “*não é mesmo?*” e “*não é assim?*” aparecem quase em desuso e em contextos comunicativos com maior grau de formalidade.

Visando a comparar as ocorrências do *né?*, presentes no banco de dados descrito, com o viés da oralidade, a pesquisadora analisa, também, narrativas pertencentes ao banco de dados VarX, composto por trinta e seis entrevistas com homens e mulheres de classes sociais baixa e média alta, de distintos níveis de escolaridade e faixa etária, da cidade de Pelotas. Nesse *corpus*, a pesquisadora identificou que a variante “*né?*” é responsável por 98% da totalidade das ocorrências.

Percebe-se que a autora empenhou-se para apresentar as variantes de ocorrência da partícula *né?* e qual o perfil social dos sujeitos (gênero, faixa etária, condições socioeconômicas) que as utilizam em maior quantidade, na prática do discurso.

Tanto Martelotta e Alcantara (1996) quanto Palla (2015) apresentam os usos do item *né?* em situações dialógicas. Enquanto os primeiros pesquisadores analisaram o comportamento sintático e semântico-pragmático da partícula *né?* através de entrevistas, a segunda autora apresenta o percurso que deu origem a essa partícula utilizando-se de entrevistas e escritos de peças teatrais do período de 1842 a 1981, além de estabelecer o perfil dos informantes responsáveis pelo maior número de ocorrências de uma ou outra forma de uso da partícula *né?*.



Ambos os estudos apresentam estratégias discursivas nos usos da partícula em estudo, a partir da relação estabelecida entre linguagem e uso, o que se pode chamar também de linguagem no contexto social.

### 3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

No âmbito desta investigação, a metodologia adotada foi a qualitativa, por envolver a análise da discursivização em narrativas oriundas de entrevistas semiestruturadas. O nível da investigação dessas fontes primárias é o descritivo, posto que tal decisão coaduna o objetivo de descrever as diferentes funções linguísticas da partícula *né?* com a análise de situações reais de uso da língua. Vale ressaltar que a pesquisa passa por um viés quantitativo, uma vez que apresenta a frequência de uso das funções exercidas por este fenômeno na oralidade.

Utilizou-se como único critério de seleção das entrevistas para análise a presença de maior quantidade de ocorrências da partícula *né?* em um primeiro levantamento dos dados. As narrativas analisadas são de duas mulheres, não escolarizadas, com idades de 61 e 66 anos; as duas narrativas juntas perfazem um total de 2h10min de registro de áudio e correspondem a 34 laudas de transcrição, cujo tema da conversação foi “vivências pessoais e relatos sobre o candomblezeiro Domício Barreto (o Chá)”. As análises de cada ocorrência do *né?* identificadas no corpus desta pesquisa foram realizadas conforme as etapas a seguir:

- a) identificação dos trechos das narrativas em que há uso do *né?*;
- b) análise dos dados, de acordo com a função exercida por cada ocorrência do *né?*. (Martelotta e Alcântara (1996) foram a principal referência na definição das funções desempenhadas por esse fenômeno);
- c) agrupamento dos dados (análise qualitativa), com a discussão da mudança de valores adquiridos pelo *né?*;
- d) análise quantitativa de cada função desempenhada pelo *né?*.

#### 3.1. O CORPUS

Os dados analisados são frutos de entrevistas semiestruturadas com fundamentos na História Oral (PORTELLI, 1997; DELGADO, 2006), do corpus disponível em Santana (2013), produzido com o intuito de integrar a documentação utilizada na monografia intitulada *E do dom de curar fez-se o chá: trajetória do candomblezeiro Domício Barreto entre Cachoeira e Itaberaba-Ba (1932-1981)*<sup>3</sup>.

---

3. Produzida para o trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus XIII, no ano de 2013.

A escolha de um *corpus* oral para este estudo levou em consideração que o uso do *né?* é um fenômeno próprio da oralidade, além de uma “explícita paixão pessoal” pelos encantamentos dos saberes descortinados através das narrativas de pessoas “comuns”. O *corpus* de análise desta investigação foi composto, então, por duas entrevistas realizadas e transcritas no mês de setembro de 2012.

É pertinente ressaltar que as estratégias de produção dos referidos dados da pesquisa não obedeceram a requisitos próprios das entrevistas no âmbito da Sociolinguística Variacionista, tais como o controle do perfil do informante (faixa etária, gênero, escolaridade, profissão, naturalidade e imersão social); além do mais, não tiveram como base os modelos de questionários utilizados em cada campo da linguística (análise fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, dentre outros).

É importante esclarecer também quais foram os critérios adotados para a transcrição das entrevistas: obedeceu-se à etapa de transcrição integral; acompanhou-se o áudio com a leitura da versão escrita, visando a mantê-la o mais fidedigno possível; sinalizam-se os segundos de pausas e os momentos inaudíveis; mantiveram-se as repetições das palavras e/ou expressões; apresentam-se períodos de interrupção das entrevistas, devido a imprevistos como a chegada de outras pessoas ou devido ao barulho de um carro de som passando na rua. Além disso, as perguntas e intervenções do interlocutor estão em negrito, e alguns aspectos pragmáticos que necessitavam ser evidenciados para um melhor entendimento dos diálogos foram descritos entre parênteses.

As narrativas são das seguintes informantes:

Quadro 1 - Identificação das informantes

Ref.	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Data da Entrevista	Duração
I02	61 anos	Não alfabetizada	Itaberaba	05/09/2012	01h06min
I03	66 anos	Não alfabetizada	Itaberaba	10/09/2012	01h04min

#### 4. O NÉ? NAS NARRATIVAS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, pretende-se examinar as ocorrências do item *né?* em diferentes contextos discursivos. Para isso, não houve uma preocupação em apresentar todos os exemplos das sentenças marcadas pelo *né?*; todas foram analisadas e algumas selecionadas com a finalidade de exemplificar as funções exercidas por essa partícula nas narrativas orais que compõem o *corpus* desta pesquisa. Os exemplos de cada ocorrência do *né?* foram agrupados por tópicos segundo cada função exercida. As falas do interlocutor são apresentadas conforme a transcrição, destacadas por negrito, e os trechos com as ocorrências do fenômeno em estudo foram destacados com itálico e sublinhado.

Para melhor compreender a trajetória de mudança linguística que deu origem ao *né?*, reporta-se a Palla (2015) por apresentar que a forma *não?* é a mais antiga e, conseqüentemente, representa o maior número de ocorrências nas peças teatrais mais remotas analisadas em sua pesquisa. Nas peças datadas de 1861 e 1878, a forma *não?* está presente nos falares de personagens jovens; já a forma *não é?* surge na peça datada de 1880, a partir das narrativas de um personagem feminino que oscila entre uma forma e

outra. Nas peças datadas de 1943 e 1953, averiguou-se que a forma *não é?* “substituiu” por completo a versão original *não?*. Finalmente, a variante *né?* surge nas obras de Plínio Marcos (1950-1979), que retratam indivíduos marginalizados, mais especificamente na peça “Barrela”, datada de 1958, nos diálogos entre dois personagens presidiários. De acordo com Palla (2015, p. 82-83):

[...] as variantes “nã?” e “nã é?” eram alternantes e, num primeiro momento, nas peças pertencentes à segunda metade do século XIX, a forma “nã?” era a mais frequente, mas seu declínio coincide com o aumento de ocorrências da forma “nã é?”, outro fator determinante parece ser o aparecimento da forma “né?” justamente quando a forma “nã?” atinge seu menor número de ocorrências.

Percebe-se que, pelo menos, desde a segunda metade do século XIX, a versão original *não?* e sua forma variante mais antiga *nã é?* originalmente utilizadas em pergunta não retórica vêm passando por um processo de mudança linguística por discursivização, ao ponto da segunda versão sofrer redução fonética e desgaste semântico representados na forma *né?*.

Nesta pesquisa, não foram identificados usos do *né?* em suas formas mais antigas como o *nã?* e *nã é?*. Predominou a forma *né?*, além das suas variantes, apresentadas a seguir:

- **Nera?** - Três ocorrências em pergunta retórica.

**(01) Oxe... e na época as festas eram feitas com candeeiro ou já existia energia elétrica?**

Minino era com candeeiro, agora existia aqueles aladinho.

**Sim as lamparinas...**

Era, era aladinho, *as lamparina nera?*, aqueles candeeiro de tubo né?, né? de tudo era, e aí ficava claro igual a luz mermo né? (I01)

(02) [...] não tinha aqueles negócio aquelas uzina, quando fechava *vinha um bocado de gente pra cá nera?*, e aí a gente ficava nos bar [...] (I02)

(03) Eu acho que isso aí, se eu fosse uma mãe de santo, ou um pai de santo, eu tinha que confiar nos meus filho de santo e confiar em mim. hã...no que eu tenho, né, eu tinha que confiar no que eu tenho, em cima do que eu tenho e dos meus filhos de santo também, *nera isso?* Então que eu acho que isso, é uma coisa, é uma coisa de união meu filho, de união, pra mim, eu acho assim, mas só que num é assim né meu filho. (I02)

- **Nera** (expressão) **não!** - Duas ocorrências em sentença de confirmação da negação.

(03) Oi fí nois chegava um frio daqueles mermo e a gente ia tudo bem arrumado entendeu?, tudo chique, muito bunito era um, ele coisava um caminhão grande, *nera ônibus não!* Era um caminhão, ele ia na porta em pé assim na porta soltano os fuguete, ele, e coro cumeno sartiado cum nois ali em cima. (I02)

- (04) **E vocês faziam roupa assim igual hoje que o pessoal faz uma roupa pra cada festa?**

É onde eu estou lhe dizem, que todo mundo só tinha aquelas sainhas e era com aquelas, era fita meu fí, *nera bico não!* (I02)

- **Né não?** - Uma ocorrência em pergunta retórica.

(05) [...] hoje em dia é tanto pai de santo novin que num intende nem o que é respeito daí *né não?* É! Hoje tá... (I01)

- **Né a verdade?** - Uma ocorrência em pergunta retórica.

(06) Mas fazia os cortes?

Corte nenhum, nenhum, nunca vi dizer isso e hoje em dia você vê tudo isso, e você vê umas coisas dessa que faz tudo isso e num cumpre nada, por que é o que nois tamo veno meu fí, *né a verdade?* Não cumpre não meu fí [...] (I02)

- **Né ali na frente?** - Uma ocorrência em que o né precede uma sentença retórica que indica lugar.

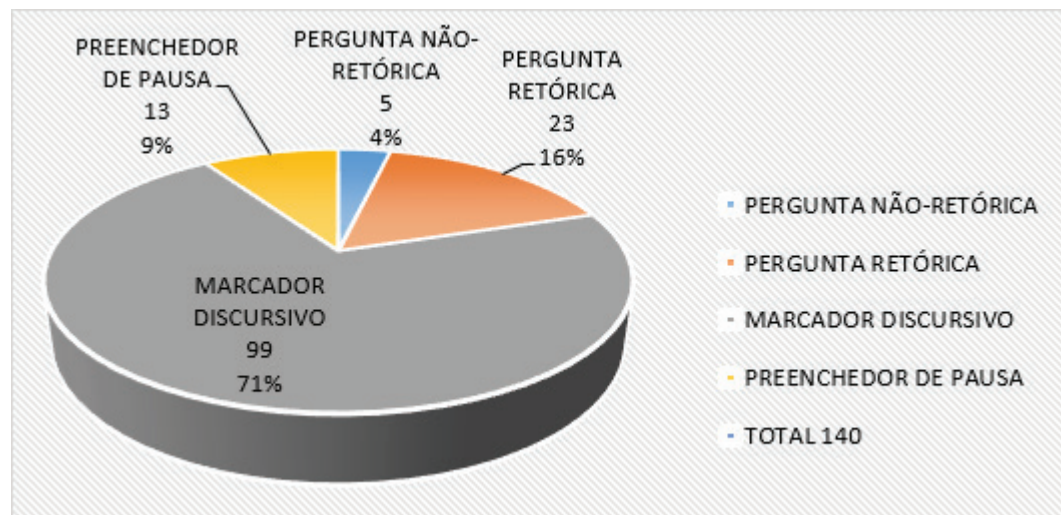
(07) [...] nois chegava na casa do finado Chá o Céu Carramanchão, chamava assim, nois entrava, era lá no fundo da casa dele, como tem ali na casa de Di, a casa de Di *né ali na frente?* Ca no fundo de Chá, só que a gente num tinha beco nenhum, a gente entrava por dento da casa dele mesmo, entrava e lá no fundo era o caramanchão [...] (I02)

- **Não é não?** Uma ocorrência em pergunta não retórica.

(08) Ninguém nunca viu isso e hoje em dia é desse jeito, *não é não?* (I02)  
É! [...]

Nesta pesquisa, além das formas variantes apresentadas, foram identificados usos da forma mais comum “né?” em pergunta não retórica, pergunta retórica, como marcador discursivo e preenchedor de pausa. Predominaram os usos como marcador discursivo, conforme apresenta-se no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Funções exercidas pela partícula né? nas narrativas



#### 4.1. PERGUNTAS NÃO RETÓRICAS MARCADAS PELO NÉ?

A partícula *né?* é frequentemente rotulada como pergunta retórica no âmbito da oralidade informal, porém ainda é possível encontrá-la com seu sentido original de pergunta não retórica. Esses tipos de perguntas são facilmente identificados por evidenciarem a “necessidade” de resposta do ouvinte, além de não indicar uma opinião avaliativa do locutor. No *corpus* desta pesquisa encontraram-se cinco ocorrências de perguntas não retóricas, uma representada pela variante “*não é não?*”, como o exemplo (08) da seção anterior, e quatro pela forma “*né?*”, conforme os exemplos a seguir:

**(09) As pessoas que não eram do candomblé tinham medo de Chá ou respeitava?**

Ah respeitava né?, acho que respeitava otos tinha recei, [...], *Noelha mermo contou me disse, Noelha sabe quem é Noelha né?* (I01).

Sei, sei

**(10) A digina dele a senhora não lembra não né?**

É, não lembro não por que *tem muita coisa tombém que a gente num lembra né?*

**É verdade, é por que tem muito tempo.**

É tem muito tempo é! (I01)

**(11) Toda vez que ele visitava ele cantava isso?**

Toda vez ele cantava isso, ó é mesmo que eu tá veno, quando eu canto essa música eu lembro dele, muitas cantiga que eu canto, *tu já viu Lalu tirano ali mais eu né?* Todas as cantiga de lá e a gente tirava tudo eu chegava, tinha vez que eu chegava a chorar [...]. (I02)

**(12) E eles nunca cobraram, o santo?**

Eu sou igualmente a uma coisa lhe digo, *você já viu falar ni Tuíca né?* Tuíca tem um boiadeiro, num é por que eu sou separada dele que vou falar mal dele, do guia dele não, de maneira nenhuma, eu não falo. [...]. (I02)

Através desses exemplos, percebe-se que a ideia de pergunta não retórica adotada é relativa, implicando certa subjetividade, já que a sua interpretação depende bastante do contexto, de questões pragmáticas que envolvem o narrador e o interlocutor. Como, no caso das narrativas que compõem este trabalho, o interlocutor foi o próprio pesquisador, tornou-se mais fácil a identificação de aspectos relacionados ao momento da fala, como a necessidade de ter sinalizado positivamente com a cabeça.

#### **4.2. PERGUNTAS RETÓRICAS MARCADAS PELO NÉ?**

De modo geral, o uso da partícula *né?* é constantemente associado a perguntas retóricas, aquelas que não apresentam necessidade de respostas do ouvinte e podem representar um comentário avaliativo do próprio falante sobre o assunto proposto pelo interlocutor. Neste contexto, o falante está mais interessado na aceitação e concordância do ouvinte do que com sua opinião, de fato. É o que pode ser observado nos exemplos a seguir:

**(13) É verdade, aí não dá certo uma coisa aí se irrita e muda de lugar.**

É, e aí pronto pensa que melhora e *fica tudo embananado né?* e aí diz ah o trabalho que fizeram não prestou não sabe né?, se fica assim né? em galho em galho. (I01)

**(14) E hoje a senhora pertence a que axé? A que casa de candomblé? A de Di mesmo?**

Minino, não por que cumé, (inaudível) é meu filho *num deixo ele só né?*, mais pra falar a verdade mermo, meu filho num pode fazer nada, se pricizar fazer alguma coisa pa mim ele num pode faz num pode fazer nada. (I01)

**(15) E a senhora considera o que o candomblé?**

Pra mim o candomblé eu considero assim que pra mim que não tem, não tem diferença da igreja prali, a diferença é que lá, cá na igreja ninguém samba e cá a gente samba né?, por que se o candomblé fosse uma coisa que fosse como é que diz meu Deus, é considerado não existia lavagem da igreja, quando tem a lavagem da igreja num chamam eles pra ir? Ele num vão? [...] (I02)

**(16) Ah eu vi o marinheiro, foi.**

Eu tenho um marinheiro, eu tenho dois das água, aí tinha Oto aí que me pegava eu disse ó, não quero nada de ninguém, quanto tem eu tava coisa assim, espírito dos oto que se mande quem for meu fica quem num for, boa viagem, né, num quero nada dos oto né?, meu é meu dos oto é dos oto, negócio de vim dos oto pa la incorporar nos Oto não, boa viagem vai caçar lá a diante né?, então é isso aí meu filho. (I02)

Nota-se que os quatro exemplos representam processos comunicativos de base argumentativa, em que o falante utiliza estratégias discursivas para tentar persuadir o ouvinte sobre o que está sendo dito, como por exemplo, as ocorrências marcadas pelo *né?*, usadas para realçar um posicionamento e, concomitantemente, atendo-se à concordância do ouvinte. O *né?* é usado como elemento de valor expressivo e enfático.

#### **4.3. O NÉ? COMO MARCADOR DISCURSIVO OU EM PERGUNTA ESSENCIALMENTE RETÓRICA**

As perguntas essencialmente retóricas são contextos comunicativos que, apesar de apresentarem itens interrogativos como o *né?*, efetivamente não necessitam de respostas ou aprovação do interlocutor sobre o que foi dito. Nesses contextos, o *né?* pode ser chamado de marcador discursivo, uma vez que se esvaziam seu caráter semântico e suas funções sintáticas, passando a atuar no nível do discurso.

Esse é o tipo mais corriqueiro de uso da partícula *né?* e possui características pragmáticas mais abstratas das funções citadas até aqui. Possivelmente, devido ao elevado número de ocorrências do *né?* na função de marcador discursivo, Martelotta e Alcântara (1996) a subdividiu em: modalizadora; ligado a informações de fundo e à marca de tópicos. Vale ressaltar que esses tópicos exigem maior observação dos processos cognitivos e das conexões, sequências e retomadas típicas do processamento discursivo. Acredita-se que obedecem mais à subjetividade interpretativa do que à rigidez conceitual.



#### 4.3.1. FUNÇÃO MODALIZADORA DO NÉ?

A função modalizadora ocorre em processo discursivo que requer um posicionamento ou atitude do locutor sobre determinado assunto projetado pelo interlocutor em um ato de fala. Por essa razão, é comum que emoções, hesitação, insegurança, dúvida, bem como a necessidade de improvisar e reformular a sequência de ideias venham à tona. Essa função pode ser caracterizada também pela presença de pausas prolongadas das sílabas, repetições de palavras e uso de expressões como “não sei” ou “como é que diz...”, além de outras estratégias utilizadas para a composição de opiniões avaliativas sobre assuntos mais delicados e/ou de maior complexidade para o comunicador. Para um melhor entendimento dessa função, a seguir, alguns exemplos encontrados nas entrevistas:

**(17) Como que era a relação de Chá com os outros pais de santo? Ele era amigo do...?**

Ah os outro pai era amigo mais ou menos porque *os outro pai de santo tinha muita, muita como é? inveja dele né?* (risos). (I01)

**(18) Então o que Chá significou na vida da senhora?**

Minino... ele significou, *sei lá, muita coisa né?* Nem na minha só (risos). (I01)

**(19) (risos) E hoje a senhora acha que existe ainda muito preconceito com quem é do candomblé? As pessoas tratam com diferença, tratam mal, quando sabe que eu ou que a senhora é do candomblé, as pessoas tratam mal, afastam ou a senhora acha que não existe isso?**

As veis o que eu acho mermo hoje é que naquela época, *num é nem preconceito pra mim né?*, bem por que eu acho assim por que naquela época num iexistia, essa jovaiada tudo hoje querer candombré, querer trabaiar tem quarto de exu, pai de santo [...], num iexiste mermo né? e aí chegou muita *coisa assim cumé que diz?*, sobre preconceito má dessas coisa, naquela época só a pessoa cumé que diz? que era assim era, Zorea tombem é, arcançou essa época, zorea sempre ia la. (I01)

**(20) Mas Baratinha então era mãe de santo dele nera não? Por que geralmente quem faz isso é a mãe de santo...**

É mãe de santo, é! *Geralmente era né?*

**A senhora não sabe me dizer se era né?**

*Não, num sei dizer não!* (I01)

**(21) Foi na Rosário ou na...?**

Foi na Rosário, foi, e aí tava o nome de Chá, Chá curador...*e tava falano sobre esses povo é... mais antigo né?*, é... mais velho né?, esses que já morreram e aí botaram o nome dele, eu ó minina ô meu Deus lembraram de Chá o que é que tá acontecendo? (I01)

#### (22) Os pais da senhora não eram do candomblé?

Não, não, não meu pai e minha mãe não, nem ia, nem ia quem disse? A gente era quem ia, eu e outra irmã minha, e duas irmã, uma que mora ali perto da casa de Di mesmo que hoje em dia *ela é crente, né?*, é evangélica hoje e a outra que é a caçula que mora em Salvador, entendeu? Mas das minhas irmãs todas que só frequenta até hoje sou eu. (I02)

O exemplo (17) demonstra que a informante hesitou em responder a pergunta, e a função modalizadora do *né?* é reforçada através de outras estratégias discursivas, como a repetição da palavra *muita* e o uso da expressão *como é?*. O sintagma *muita coisa* presente no exemplo (18) indica que a narradora não encontra palavras para descrever “coisas” da emoção. Já nos exemplos (19) e (20) a função modalizadora exercida pelo *né?* é mais sutil, e foi necessário analisar todo o contexto de fala para perceber que aquelas marcadas pelo *né?* exercem essa função por evidenciarem uma tentativa de reformulação sobre o que foi e o que será dito. Nos exemplos (21) e (22), as informantes citam sequencialmente expressões com sentidos semelhantes, marcando-as com o *né?*, característica que parece estar associada à insegurança das informantes quanto ao termo mais adequado para aquele momento de fala.

Esses exemplos indicam estratégias discursivas do falante na tentativa de ofuscar um leve desconforto ou insegurança sentido ao expor suas ideias sobre os assuntos propostos. São exemplos mais “subjetivos” como estes que impulsionam a partícula *né?* rumo a um contínuo do processo de discursivização.

#### 4.3.2. O NÉ? LIGADO A INFORMAÇÕES DE FUNDO

Martelotta e Alcântara (1996) descrevem esse contexto como ocorrências em que o *né?* é usado em perguntas retóricas para marcar o comentário do falante em relação ao que se fala e está associado também à função modalizadora, uma vez que parece apresentar características próprias da necessidade de reformulação discursiva, como pausas, repetições de termos e prolongamentos de sílabas. Os autores inferem que os casos mais comuns encontrados nas entrevistas foram aqueles em que o *né?* realça informações de fundo em finais de cláusulas (ou sintagmas) com o sentido de: especificação – *eu adoro plantar... plantar... plantar... verdes né?*; finalidade – *[...] aí pô...saltei do carro...pra... pedir ajuda né?*; alternativa – *[...] ou conserta ou então abaixa essa televisão né?*.

Nas entrevistas usadas nesta pesquisa, averiguaram-se algumas ocorrências do *né?* ligadas à informação de fundo na qualidade de especificação, apenas uma ocorrência com caráter de finalidade e nenhuma na proposição de alternativa. As narrativas a seguir exemplificam essas modalidades:

**(23) E na época tinha muita casa assim ao redor do terreiro dele ou era afastado as vizinhanças?**

Não, é do mermo jeito que tá agora, a Rua de Linha nunca mudou as casa, agora as casa agora tinha casa mas *era as casa mais humilde né?*, as casa agora, mas era assim. (I01)

**(24) Oxe... e na época as festas eram feitas com candeeiro ou já existia energia elétrica?**

Minino era com candeeiro, agora existia aqueles aladinho.

**Sim as lamparinas...**

Era, era aladinho, as lamparina nera?, *aqueles candeeiro de tubo né?*, né? de tudo era, e aí ficava claro igual a luz mermo né (I01)

**(25) E na época tinha muita casa assim ao redor do terreiro dele?**

Não, num tinha muita, muita, muita, muita casa não, tinha assim que a casa dele ficava assim, pegada tinha uma casa que era de uma filha de santo dele que já até morreu que chamava Cicília *das mais velhas né?*, e tinha uma ota casa que é a casa de Zélia, que essa Zélia ainda mora na mesma casa hoje. (I02)

**(26) Lamparina**

Era, botava lá era, era assim, a Rua da Linha era tão escura que ele pegava um, como era o nome daquilo? Num era, não era Aladim não aquelas lamparina mesmo né?

Não é butijão não, que antigamente num tinha butijão não, que ele tinha aquele coisinha de vidro assim ó, aí ele pegava assim e pendurava, ele botava um bem na frente assim ó, da casa pa poder clarear o terreiro *pa quando o pessoal vim né?*, pa ficar claro, que ali na Rua da Linha, era linha do trem, o trem passava por ali, tu alcançou a linha do trem ali? (I02)

Os exemplos (23), (24) e (25) apresentam o *né?* em finais de sentenças que especificam as informações de fundo, ou seja, aquilo que já foi dito. Já no exemplo (26) essa partícula marca o sintagma que apresenta a finalidade do uso das citadas lamparinas.

Como bem elucidou Martelotta (1996), o *né?* ligado a informações de fundo apresenta características peculiares a já citada função modalizadora. Assim, é possível inferir que o diálogo entre essas duas formas é bem próximo, e identificar o uso do *né?* em uma dessas formas não necessariamente descarta a outra.

#### **4.3.3. O NÉ? COMO MARCA DE TÓPICO**

Martelotta (1996) identificou que as sentenças da partícula *né?* podem representar marcas de tópicos em sintagmas nominais já mencionados ou não mencionados. Na primeira forma, o *né?* refere-se a elementos

já mencionados e funciona como marca de tópico para a sequência narrativa; a segunda forma representa uma introdução do termo ou tópico a ser desenvolvido posteriormente. Semelhante ao estudo citado, encontraram-se algumas ocorrências da primeira opção e apenas uma da segunda, conforme os exemplos a seguir:

**(27) E a senhora sabe me responder por que as pessoas chamavam ele de Chá? Que eu fiquei curioso por que Chá?**

Eu não, por que esse nome, eu conheci ele por esse nome mesmo, por esse nome mesmo *era um apilide que botaram nele né?*, mas o nome dele parece que era Edinilson, eu não sei, tu num bota não que eu não sei. (I02)

**(28) Teve algum ritual de despedida assim depois que ele morreu? Algum batuque?**

Não, não, eu num lembro não por que quando ele faleceu, é como eu lhe disse eu não estava aqui, eu tava morano ni Seabra, aí depois foi que eu vim, quando eu cheguei, foi que eu fui na casa dele pra falar com cumade Margarida né?, *e falar com os filho dele que era muito meus amigo né?*, até outro dia mermo eu encontrei com um, [...] (I02)

**(29) Qual é a que mais a senhora lembra? Qual é a que mais lembra de Chá?**

É tantas... todas que a gente canta que saía lá *a gente lembra dele né?*, ai... Chá...(tom de afetividade). (I01)

**(30) É como eu tô falando pra senhora essa pesquisa é boa por que não tem nada escrito sobre Chá. Chá só tá presente na memória de que conheceu ele...**

É na memória.

**Entende?**

Esse tempos até o ano passado, tava aí na radia falano *desses pessoal mais velho que né?*, Rosalino, Ge Mascarenha esses povo, foi e aí falou até o nome de Chá. (I01)

Pode-se notar que os casos do *né?* destacados nos exemplos (27), (28) e (29) retomam sintagmas nominais já mencionados (*o Chá < ele*), com valor anafórico. Já no exemplo (30) o *né?* funciona como tópico para o que será dito (*os povos mais velhos > eles*).

#### **4.3.4. O NÉ? EM EXPRESSÃO DE CONFIRMAÇÃO DA NEGAÇÃO**

Além das características citadas exercidas pelo *né?* como marcador discursivo ou perguntas essencialmente retóricas, encontraram-se algumas ocorrências ainda mais vazias de sentido que parecem não se enquadrarem em nenhuma das subdivisões sugeridas por Martelotta e

Alcântara (1996) e outras que, devido ao maior número de ocorrências que se assemelham, sugerem a necessidade da criação de um novo subitem para o *né?* nessa função.

No corpus analisado, identificaram-se, por exemplo, ocorrências que, apesar de terem semelhanças com os itens citados, especialmente a função modalizadora, possuem a característica específica do *né?* marcando expressões de confirmação da negação. Isso permite inferir que a partícula *né?* continua a produzir novos aspectos de uso, conforme os exemplos a seguir:

**(31) Mas lá em Cachoeira ele era do terreiro do pai dele mesmo ou era de outro terreiro?**

Eu aí agora num sei te dizer.

**Não sabe não né?**

*Num sei não né?! (I01)*

**(32) E as pessoas que não eram do candomblé tinham medo dele?**

Tinha muita gente que tinha, muita gente (voz enfática)

**Hum, será por quê?**

*Agora por que eu não sei né?! Por que antigamente o povo ó, antigamente o povo tinha assim, ah... aqui é de Cachoeira sabe de tudo, então o povo tinha muito medo de macumba. (I02)*

**(33) Uma 3º pessoa diz: tu topa ir de moto vei?**

**Não Cachoeira de moto é longe.**

É longe né?

**É!**

*Eu que num sei né?! Eu tô com o endereço aqui dela (pausa para procurar o endereço na pasta) (I01)*

**(34) Uma 3º pessoa diz: qualquer coisa a gente desce.**

**Oxe... desce mesmo, tem que ir lá poxa, se tudo começou lá...**

*Eu tombém nunca fui não né?! Eu tombém tô querendo ir lá agora. (I01)*

**(35) Hum eu vou vê então**

*Num era assim da casa dele não né?! Mas margarida conheceu ele. (I01)*

**(36) Hum, veio Baratinha e quem mais?**

*Eu mermo num tava aqui não né?! Eu tava em São Paulo, mas deve Baratinha e alguma pessoa dela né? que no Carramachão tem uma equipe né?, foi que vei num sabe dá o descarrego da casa, vei tirar a mão da cabeça delas, num tirou eu porque eu num tava, mas de Dalzira tudo...(I01)*

**(37) Mas se perguntar lá quem é Lucinha a mãe de santo, o povo sabe né?**

Não, *né assim não!* Por que deve ter muita né?, não por que eu sou a primeira vez que vou lá né?, pela primeira [...] (I01)

Nos exemplos (31), (32) e (33), as informantes afirmam não saberem passar as informações solicitadas, e o *né?* é usado como elemento enfático da fala. Já nos exemplos (34), (35) e (36) o *né?* marca sentenças de confirmação da negação. Trata-se de exemplos que, apesar de serem semelhantes a outros itens apresentados anteriormente, possuem uma característica destoante, o uso do item interrogativo *né?* em sentenças de afirmação da negação. Essa peculiaridade fica ainda mais evidente no exemplo (37) em que o *né* esvazia completamente seu caráter interrogativo para atuar junto à estrutura linguística de “afirmação da negação”.

#### 4.4. O *NÉ?* COMO PREENCHEDOR DE PAUSA

Nessa função, observa-se o emprego do *né?* como elemento linguístico utilizado em estratégias discursivas de processamento e organização da sequência narrativa quando o falante, por um momento, perde “a linha” de raciocínio e necessita preencher o vazio ocasionado por essa perda, como se observa nos exemplos a seguir:

##### (38) **E aí demorou pra ele abrir o terreiro dele?**

É demorou um pouco, *porque ele ainda tinha que tumar conhecimento né?*, aí tinha como é que diz? que ele memro num é filho daqui, ele morou aqui mais, e aí menino depois acostumou tomou conhecimento casou e agora foi se dizalano e aí... (I01)

(39) [...] e hoje em dia tudo quanto é esses pessoal novo, é relaxou, então quer dizer que uma hora uma casa de candomblé mermo, cumé que diz?, uma casa de santo mermo, candombré, até cai a forma ma de, ma dessas perdição de hoje, eu acho assim viu, e é mermo viu, *ne?*, qual era antigamente que ia, se você for, hoje os fi de santo de hoje ta assim a maioria se tiver o santo ali na língua deles já quer curar, já quer trabalhar é assim, você vai na casa desse, a metade mermo desses minino, comé que diz?, esses minino minina (voz risonha), a metade da casa desse povo tudo tem quarto de santo, tudo labuta com exu né?, tudo sem ser feito, muitos num entende nem a raiz, já do princípio já quer... então relaxa a forma do candombré, mesmo por que falar a verdade hoje num ixiste mais candombré daqueles antigo ne?

(40) [...] Então *eu acho que de tudo existe no mundo, né?*, eu acho que pra mim que num é, pois assim ah não por que você num é católica. Eu sou católica, eu nasci na católica e nessa eu morro e também num saio de dentro do meu candombré, do candombré eu só saio quando eu morrer também. (I02)

Nota-se que, nos três exemplos acima demonstrados, o item *né?* é utilizado como preenchedor de pausa, envolto por uma nítida perda do fluxo sequencial das informações. Esvaziaram-se as funções referenciais do *né?* como pergunta (não) retórica para atuar no processamento estratégico-discursivo, abstrato por essência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partícula *né?* é resultante do processo de discursivização por redução fonética e desgaste semântico, porém, no *corpus* analisado, foi, ainda, encontrada com seu sentido original de perguntas não retóricas. Este uso é o menos frequente, representando 4% das ocorrências. Seguindo a escala de menor número de ocorrências, o *né?* na função de preenchedor de pausa é responsável por 9% dos usos. Nos momentos iniciais da pesquisa, imaginava-se que esta função de caráter meramente pragmático seria a mais recorrente, uma vez que o processo de discursivização do *né?* assinala o esvaziamento de suas funções referenciais.

A função de pergunta retórica exercida pelo *né?* foi a responsável por 23% das ocorrências analisadas. Já a função de marcador discursivo foi encontrada em 71% do total de 140 sentenças marcadas pelo *né?*.

Os dados estatísticos desta pesquisa apresentam que o *né?* continua a ser mais utilizado em momentos discursivos que apresentam opiniões argumentativas do falante sobre o que se fala, sendo mencionado nos momentos em que sente a necessidade de ocultar sentimentos como insegurança em posicionamento, hesitação ao falar sobre determinados assuntos, além desse uso servir como pausa para uma autoavaliação e/ou reformulação do discurso.

Encontraram-se algumas ocorrências do *né?* na função de marcador discursivo em expressões de confirmação da negação, aspecto que parece indicar o início de outro processo de discursivização dessa partícula, em que se esvazia seu caráter interrogativo para enfatizar afirmação da negação.

Assim, aponta-se a necessidade de ampliação dos estudos sobre a partícula *né?*, uma vez que esse fenômeno linguístico continua a produzir diferentes funções nos mais variados contextos comunicativos. Ressalta-se que novos estudos poderão surgir a partir desta pesquisa. Uma das possibilidades é ampliar o *corpus*, com uma abordagem que envolva as demais narrativas existentes, como, por exemplo, observar se o *né?* é característica de algum grupo específico da comunidade de fala da região. Analisar se há maior ocorrência de uma forma ou outra de usos do *né?* nas falas do povo de candomblé de Itaberaba ou, mais especificamente, nas narrativas dos frequentadores do terreiro de Chá.

Por hora, este estudo pode servir para esclarecer que o item *né?*, do ponto de vista da expressividade da língua oral cotidiana, não pode ser restringido ao conceito de vício de linguagem, no sentido pejorativo de



“erro” gramatical comum ou frequente em situações reais de uso. Proposital ou não, elementos linguísticos como a partícula em estudo podem até contribuir para que determinadas expressões pareçam redundantes, exageradas, ou mesmo desnecessárias na estrutura da língua, porém seus usos estão longe de serem inúteis no processamento discursivo, já que estão associados a estratégias semântico-pragmáticas e às competências comunicativas dos falantes.

**Thiago Alves de Santana** (sevlathi@hotmail.com)

Especialista em Estudos Linguísticos e Filológicos pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB

---

**Como citar esse artigo**

SANTANA, Thiago Alves. Para além do uso em perguntas (não) retóricas, né? Discursivização da partícula né? nas narrativas de mulheres do município de Itaberaba, BA. **Revista Gatilho**, UFJF, v. 19, p. 203-227. dez. 2020.

---

*ABSTRACT: This research, developing about in theory perspective of Funcionalist Linguistic that considers the study of change linguistic inside of reals situation of use of language, invest the function works for word isn't? in happining of corpus formed to narrative of two information of city from Itaberaba, in Bahia. The main goal describes semantic function take for piece in study in interview, analysing, in other things, if this item has been used with your origin meaning of ask no-rethoric. In the beginning that use of piece ins't?, in oralaty more free, represent variety of way and function; so, consider yourself theorics goals of speeching, as programatics aspects interactivates: ins't? used in asking no-rethoric;as discursive indicate and completing pause.*

*KEYWORD: Funcionalism. Speeching. Orality. Word isn't.*

## REFERÊNCIAS

- ICUNHA, M. A. F. da; TAVARES, M. A.. Linguística funcional e ensino de gramática. In: CUNHA, M. A. F.; TAVARES, M. A. (Org.). Funcionalismo e ensino de gramática 1. ed.– Natal, RN: EDUFRN, 2016. Disponível em: <[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21375/3/Funcionalismo%20e%20ensino%20de%20gram%C3%A1tica%20\(livro%20digital\).pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21375/3/Funcionalismo%20e%20ensino%20de%20gram%C3%A1tica%20(livro%20digital).pdf)>. Acesso em: jun. 2017.
- CUNHA, M. A. F. da. Funcionalismo e Gramática do português brasileiro. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.
- DELGADO, L. de A. N.. História Oral – memória, tempo, identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MARTELOTTA, M. E.; ALCANTARA, F.. Discursivização da partícula né?. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.
- MATTOS E SILVA, R. V.. Caminhos da linguística histórica “ouvir o inaudível”. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PALLA, F. F.. Análise do emprego do marcador conversacional né? na fala de Pelotas/RS. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, 2015. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2015/07/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Fabiana.-vers%C3%A3o-para-CD.pdf>>. Acesso em: jul 2017.
- PORTELLI, A.. O que faz a história oral diferente. Revista Projeto História nº 14, EDUC – Editora da PUC-SP, São Paulo, p.25-39, fev. 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br//index.php/revph/article/viewFile/11233/8240>>. Acesso em: ago 2012.
- SANTANA, T. A. de. “E do dom de curar fez-se o Chá...”: trajetória do candomblezeiro Domício Barreto entre Cachoeira e Itaberaba - BA (1932 – 1981). Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Estado da Bahia, 2013.
- SILVA, C. R.; SANTOS, J. C. L. dos. Perguntas retóricas: entre a gramaticalização e a discursivização. Veredas Atemática, volume 19, 2, p.248-268. 2015. Disponível em: <[www.ufjf.br/revistaveredas/files/2015/04/14-SILVA-E-SANTOS.pdf](http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2015/04/14-SILVA-E-SANTOS.pdf)>. Acesso em: jul 2017.
- VALLE, C. R. M.. Marcadores discursivos: considerações sobre os limites entre a gramaticalização e a discursivização. Working Papers em Linguística, v. 4, 1, p.104-113. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/4718/3958>>. Acesso em: ago 2017.